

TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 9 n.º 32 verão 2009

1 PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA | 3 EUROS

RETRATOS DA NATUREZA II

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA
A construção e a humanização



MIGUEL DANTAS DA GAMA
PENEDA-GERÉS
Fogo continua a destruir o Parque Nacional



MIGUEL DANTAS DA GAMA
Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
Até quando sobreviverão as últimas «selvagens»?



RAUL LIMA
Paisagens Ignifremente



JOSÉ
A natu

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR | Miguel Dantas da Gama **REDACÇÃO** | Raul Lima - Editor · Francisco Álvares · João Carlos Claro · João Cosme Matos · Luís Rodrigues · Paulo Santos · Roberto Hartasánchez
DESIGN | Cristina Dordio **ILUSTRAÇÕES** | José Projecto **ASSINATURAS/PUBLICIDADE** | Fernando Silva **COLABORARAM NESTE NÚMERO** | António Martinho Baptista **EDIÇÃO E PROPRIEDADE** | FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens **ENDEREÇO** | Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000-055 PORTO Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 E-mail: fapas@mail.esoterica.pt
Página web: www.fapas.pt **REGISTO ICS** | 123453 **DEPÓSITO LEGAL** | 146895/00 **TIRAGEM** | 3000 exemplares **IMPRESSÃO** | Gráfica Maladouro
Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. Tribuna da Natureza não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

CAPA | Raul Lima | Mata de Albergaria - Serra do Gerês © 2008

PAULO SANTOS
Terra de corais, vulcões
e florestas tropicais



Tribuna da Natureza em tempos de mudança

Abrimos este editorial com o anúncio de uma nova revista. A Tribuna da Natureza vai mudar. Uma vontade de fazer melhor impele-nos a desenvolver uma abordagem diferente do mesmo projecto que esperamos possa resultar num trabalho com um cariz mais profissional sem descuidar o perfil e as capacidades da equipa que produz esta publicação. Uma evolução que também considera as apreciações e as sugestões de muitos dos leitores que nos têm acompanhado bem como as características específicas do mercado editorial dedicado exclusivamente à vida selvagem.

A Tribuna da Natureza que o leitor neste momento tem nas mãos, encerra assim um ciclo iniciado no ano 2000, composto por duas fases (números 1 a 11 e números 12 a 32) distintas no que se refere ao design gráfico e à conseqüente qualidade do trabalho final. Após nove anos e meio e a publicação de trinta e dois números da revista, estamos satisfeitos. Na grande aridez do campo editorial português dedicado à conservação da natureza, alcançamos um espaço, discreto mas próprio.

Nestes quase dez anos de trabalho desenvolvido em que não deixamos de pensar em águias e lobos, em carvalhais, azinhais e montados, tal como nos propusemos no início, estamos também satisfeitos pelo facto de muitos dos especialistas da conservação da natureza em Portugal, terem, de uma maneira ou de outra, colaborado e aderido aos objectivos da nossa revista.

Reverso da medalha, uma década passada, somos obrigados a reafirmar a nossa grande preocupação pela situação mais débil e ameaçada em que se encontra o património natural no território português. Um espaço mais desordenadamente ocupado, esventrado pela construção obsessiva de infraestruturas num processo que ignora o desperdício, que não assenta numa intervenção planeada a longo prazo e que não respeita a sustentabilidade exigida na usufruição de recursos finitos ou cuja regeneração dificultamos, nalguns casos, impedimos. Um espaço mais queimado por fogos apenas interrompidos pelos escassos, inconstantes e imprevisíveis períodos do ano em que se pode afirmar que realmente chove, onde se insiste em não apostar na recuperação de uma verdadeira floresta autóctone geradora de múltiplas actividades e ocupações que com o seu recuo se foram inevitavelmente perdendo. Um espaço mais delapidado e fragmentado por P.I.N.'s ("projectos de interesse nacional") maioritariamente em rota de colisão com o P.I.N. – património de interesse nacional - que negamos legar às gerações futuras. A tudo isto acresce o facto de muitas das verbas que se dizem investir no Ambiente, serem consumidas em infraestruturas que têm em mente facilitar a usufruição do que resta, e não, preservar os valores que a motivam.

Neste mundo em contínua mudança, onde as alterações climáticas se agigantam, o que teima em não mudar é a nossa postura perante valores que sendo do domínio público, para todos, muitos continuam a encara-los e a tratá-los como sendo apenas seus. Subsistem casos extremos que tocam a irracionalidade. Sabendo-se o que se sabe das maiores ameaças que sobre nós pesam pela progressiva perda da biodiversidade, não é possível encontrar outra explicação para o facto de em 2009 ainda haver em Portugal quem atire a matar sobre um exemplar de águia-imperial, como aconteceu recentemente no Alentejo!

Encerramos esta 1ª série da nossa revista com mais um número dedicado à Imagem. Retratos de uma Natureza de aquém e além-fronteiras cuja preservação exige a nossa participação.

No próximo Outono daremos continuidade a esta missão. Com empenho redobrado, com a nova Tribuna da Natureza!

PROJECTO
za sem película nem sensores.

A landscape photograph of a beach with a large mountain in the background. The mountain is dark and rocky, with some sparse vegetation. The beach is wide and sandy, with some rocks scattered along the shoreline. The water is calm and reflects the sky. The sky is a clear, pale blue.

MIGUEL DANTAS DA GAMA

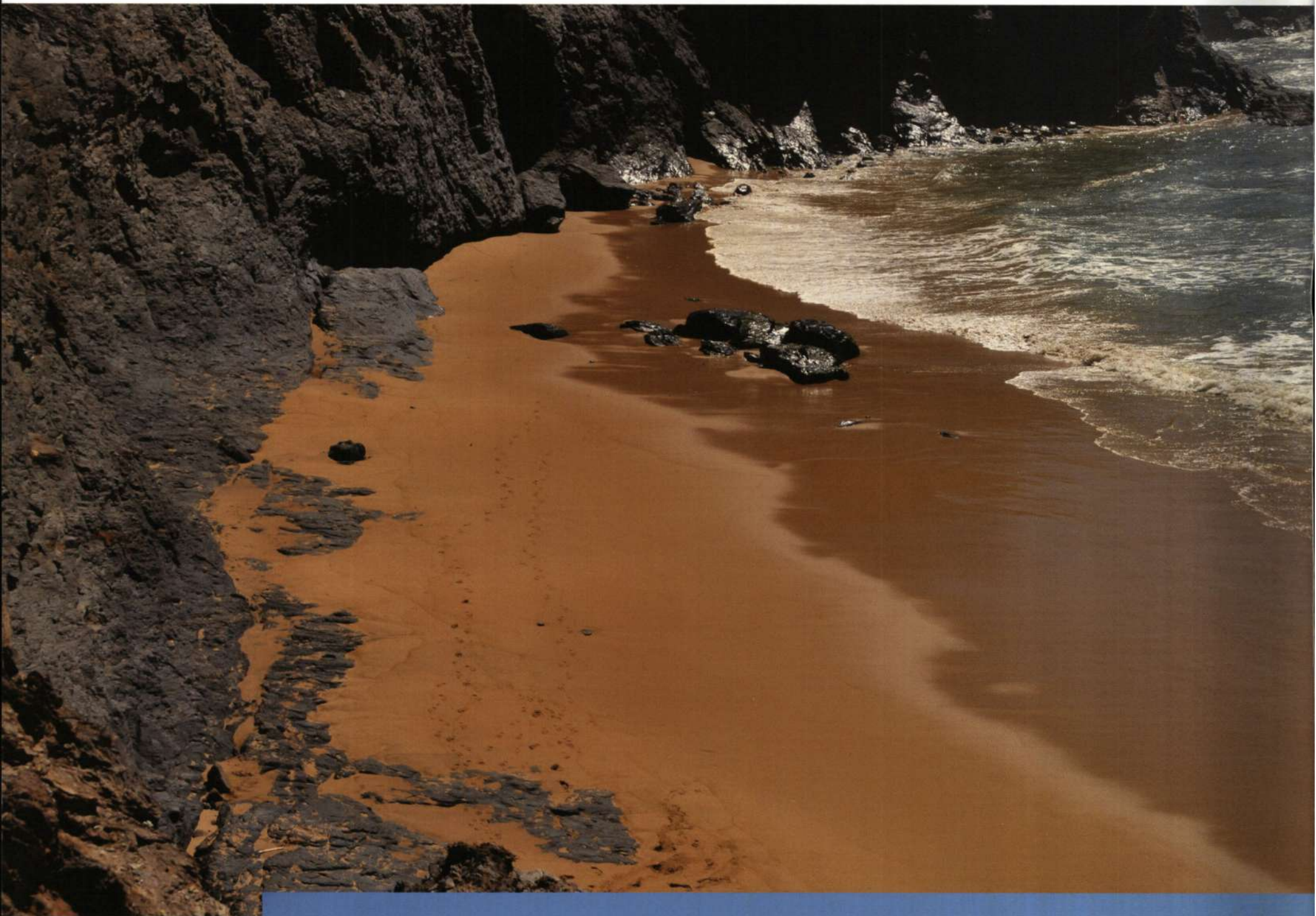
SUDOESTE ALE E COSTA

ATÉ QUANDO SOBREVIVERÃO

A wide-angle photograph of a coastal landscape. In the foreground, there is a sandy beach with gentle waves lapping at the shore. The water is a deep blue-grey color. In the middle ground, a rocky reef extends into the sea. In the background, a large, dark cliff face rises from the water's edge. The sky is a clear, pale blue. The overall mood is serene and natural.

NTEJANO VICENTINA

AS ÚLTIMAS PRAIAS «SELVAGENS»?





Trata-se de facto de uma costa onde subsistem paisagens preservadas de grande beleza. Belos areais enquadrados por dunas, arribas litorais e falésias abruptas limite ocidental de uma estreita faixa do território detentora de interessantes redutos de vegetação com características essencialmente mediterrânicas, valorizada pela ocorrência de vários endemismos. Mas se nos alongarmos na viagem ao longo da linha de costa, este último paraíso, outrora poupado por deter um clima menos favorável às práticas balneares e por ser menos acessível, é já interrompido por agressões urbanísticas algumas só travadas pelo... próprio mar! Destruída que foi em grande parte a costa sul do Algarve, os promotores imobiliários viram-se agora para oeste. Com os PIN's - Projectos de Interesse Nacional - que a tudo se sobrepõem, deita-se mão ao que resta. A bem do «turismo e do desenvolvimento», dizem os que vão abrindo as portas à sua delapidação. Facilitam-se acessos e constroem-se as restantes infraestruturas que atraem uma pressão que não parará de exigir mais e «melhor». É de temer que um dia - não muito distante - venha a ser difícil obter fotos como estas, colhidas em Agosto do ano passado, em praias do sudoeste algarvio.









▲ Ervamoira no Cão, Outono 2008

A
E HUMANIZ



António Martinho Baptista

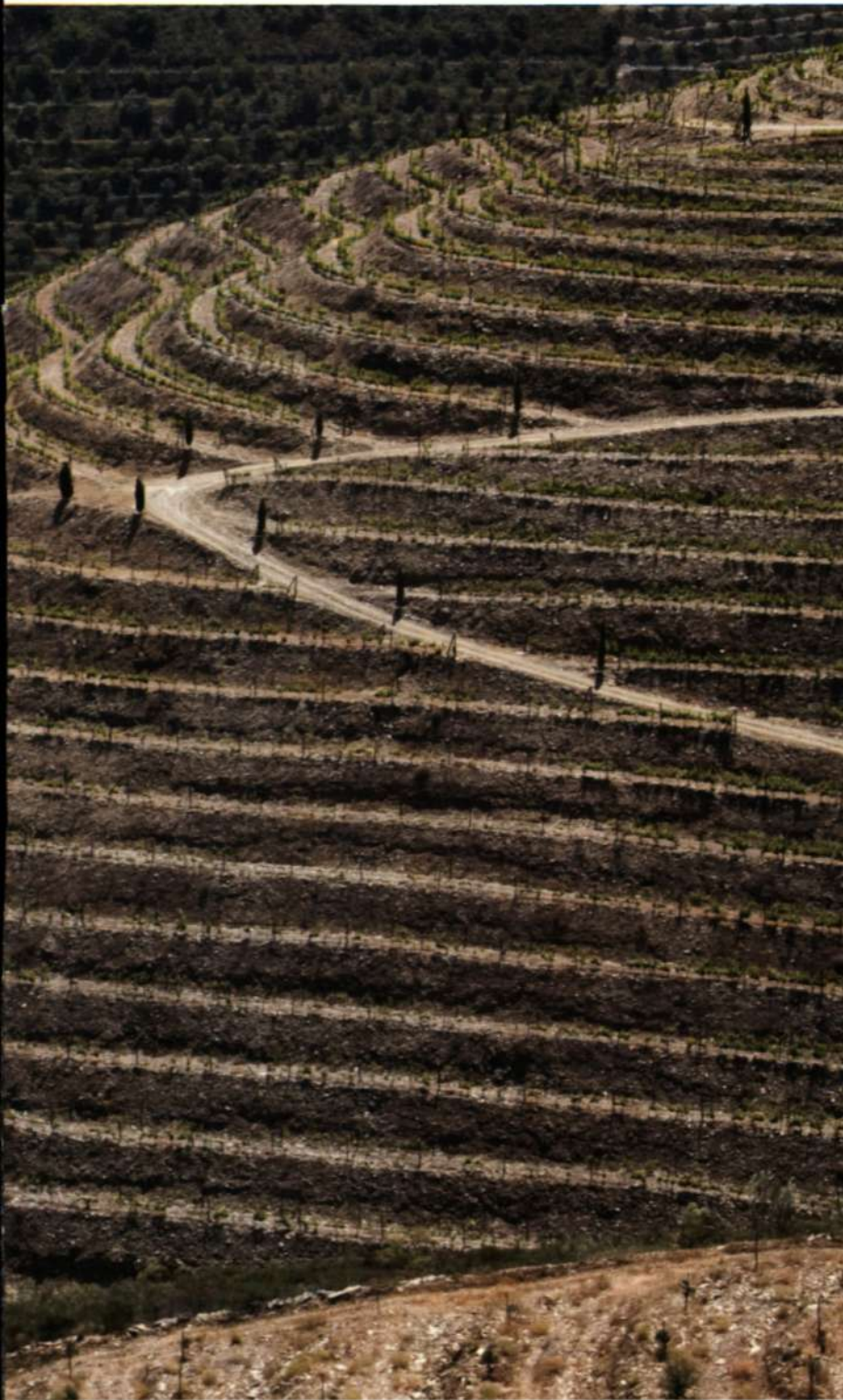
CONSTRUÇÃO AÇÃO



A construção e humanização das paisagens no Alto Douro português tem sido uma luta titânica travada num território com uma geomorfologia demasiado enrugada e agreste mas, por isso mesmo, sempre deslumbrante. Para provarmos os néctares vinícolas nascidos desses infindáveis terraceamentos que vão sendo feitos e refeitos, infelizmente quase todo o substrato rochoso aflorado vai sendo destruído. Para que o ritmo dos imensos escadórios perturbado não seja!

Também agora o Museu do Cão vai inscrever a sua marca junto ao abraço entre o Cão e o Douro, beirando o abismo alcançado num desses horizontes de eleição. Não fora o fronteiro alteamento do Douro e Cão aqui engordados pelas águas presas no paredão do Pocinho, e o flirt do olhar seria ainda mais arrasador. Resta-nos honrar o feliz casamento Museu/Vinho e brindar a tão sábia aliança enquanto justos pecadores...





↑ Vale de Canivães
▼ Vale do Douro



↑ Foz do Côa



▲ O Sabor que vai deixar de ser



PAISAGENS IG



M

Memórias da Mata de Albergaria e envolvente, no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), que ardeu parcialmente em Março deste ano, por ignávia ou mão intencional. Uns, quiçá ignícolas, defendem energicamente, criticando os ambientalistas, que é benéfico que arda no Inverno/Primavera para que não arda no Verão de forma mais violenta. Se o intervalo entre fogos fosse grande, se a floresta portuguesa actual tivesse uma dimensão relevante, tal ideia talvez fosse sustentável. Com intervalos de uma, duas, três décadas entre fogos – quando não um ou dois anos –, com uma floresta reduzida a pequenos bosques isolados, não é sustentável. Mas claro que os que assim falam não estão, de facto, interessados na natureza do mesmo modo que nós. Caso contrário, não se compreenderia que tamanha preocupação pelo bem-estar da floresta não fosse acompanhado de um gesto consequente: a ignificação de todos os bosques que anseiam pelos seus salvadores. (Ou deveremos considerá-los suspeitos?...)

RAUL LIMA

INIFREMENTES









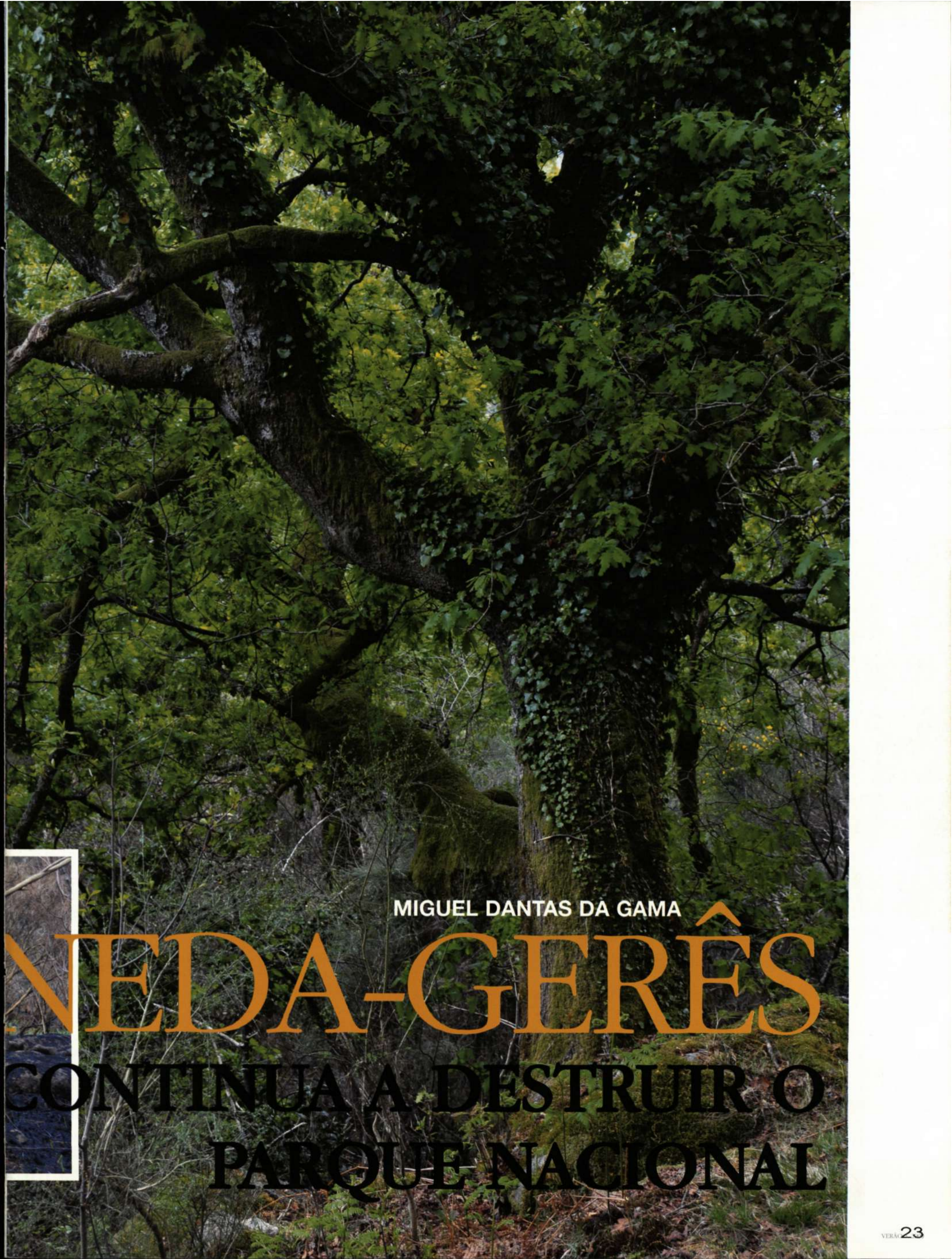


M

As árvores mais antigas vão desaparecendo, depois de terem sido isoladas numa floresta fragmentada e dispersa, cercada por espécies infestantes. É o resultado (também) das queimadas que impunemente continuam a aniquilar a biodiversidade. Os fogos constantes – com uma propagação favorecida pelas alterações climáticas – destroem as manchas autóctones substituindo-as por matos que rapidamente se expandem e por isso motivam novos fogos e de piores consequências. Para além de condicionarem a regeneração natural, aniquilam as árvores de maior porte e tudo – fauna e flora – o que delas dependem. Um crime silencioso que nos primeiros dias desta Primavera mais uma vez se abateu (também) por todo o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Albergaria ardeu com violência, o mesmo voltou a acontecer ao Ramiscal, e à serra da Peneda de uma forma geral, a mata do Beredo foi também severamente maltratada... Como explicar a passividade e a indiferença manifestadas pelas instituições públicas a quem foi confiada a sua salvaguarda perante esta destruição? Generalizada. Serras do Alvão, do Marão, da Nogueira,....

As fotos ilustram um carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) de porte soberbo, sobrevivente, e a destruição que à sua volta ele vê disseminar-se. Numa das «Áreas de Protecção Total» do Parque Nacional...





MIGUEL DANTAS DA GAMA

NEDA-GERÊS

CONTINUA A DESTRUIR O
PARQUE NACIONAL

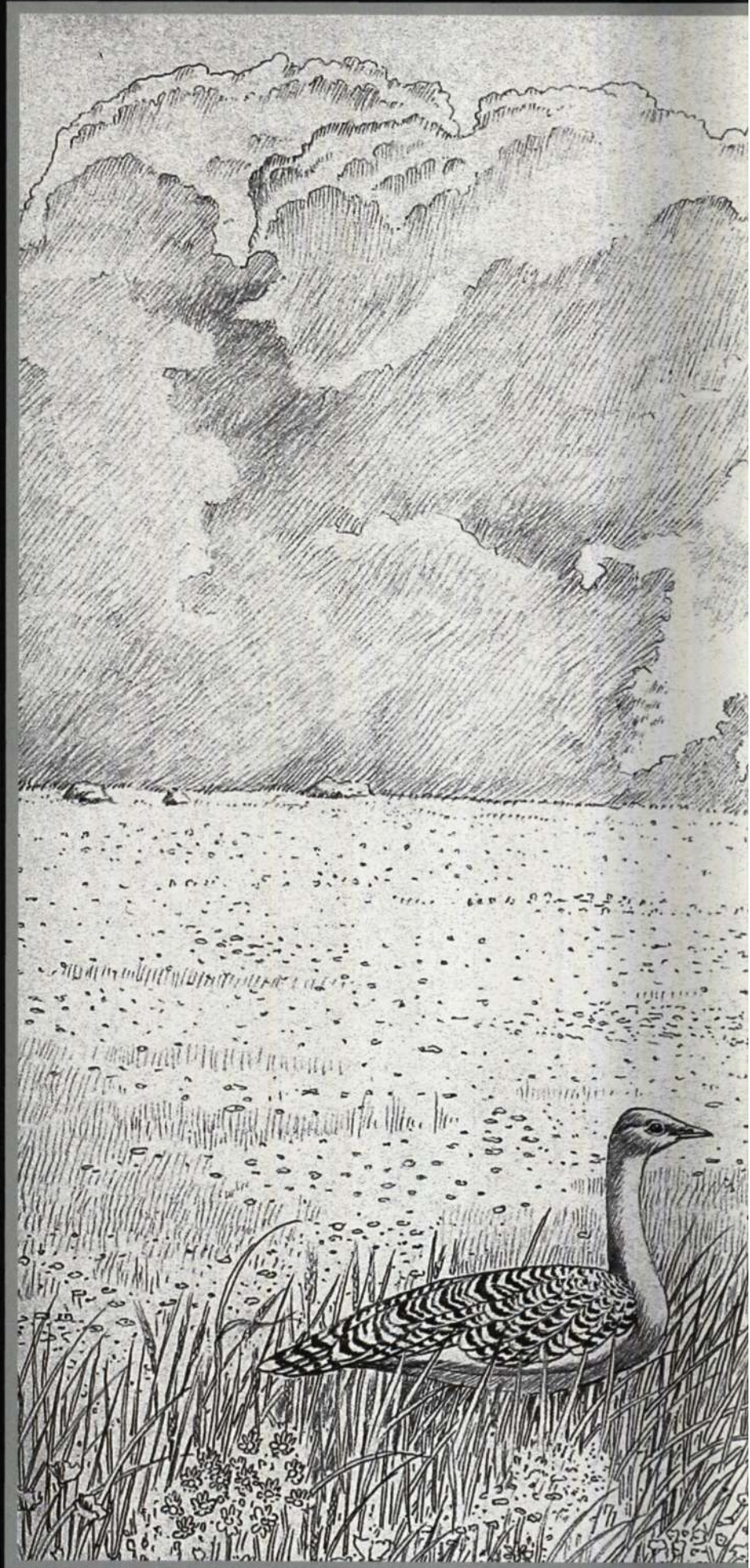
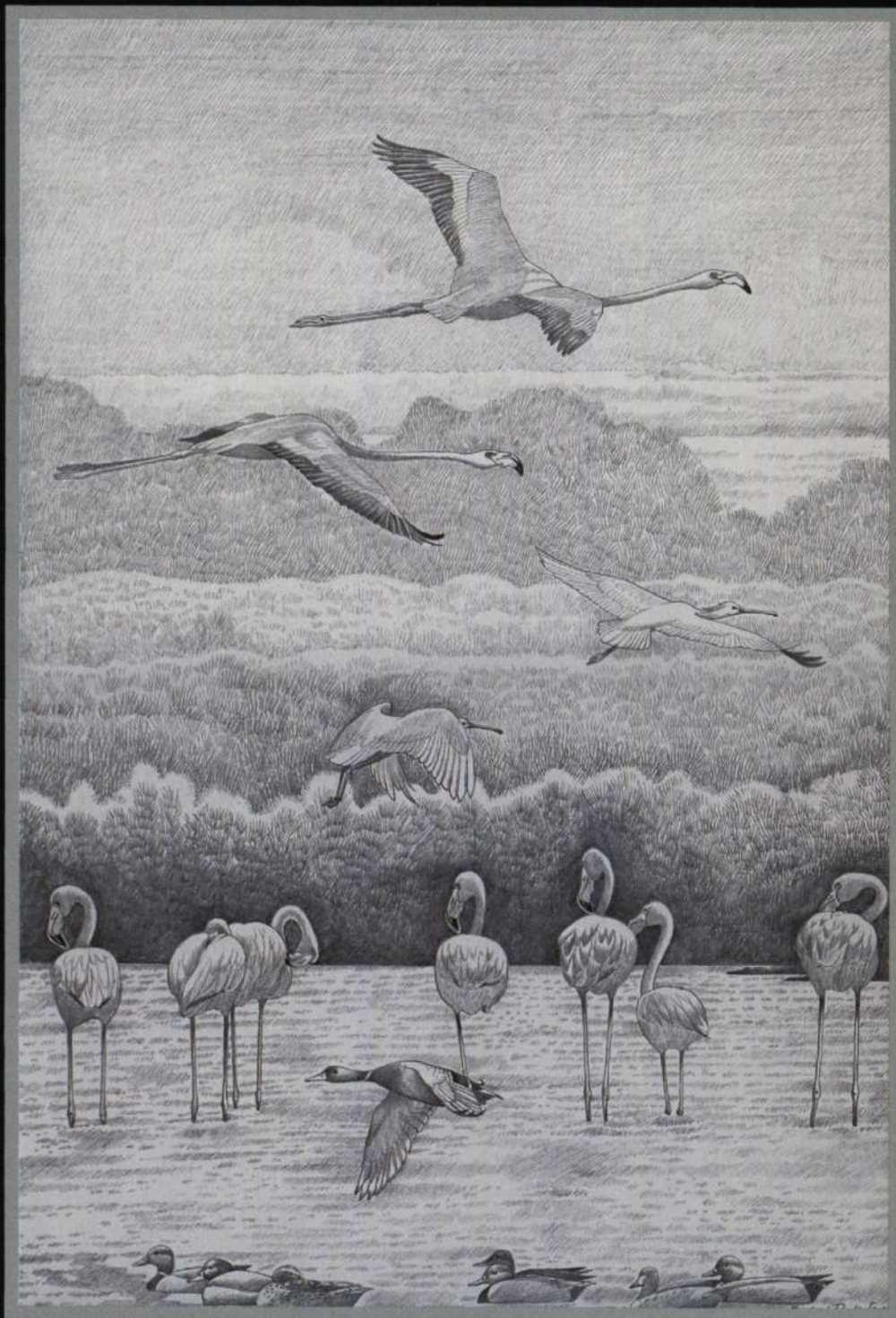


A NA PELÍCULA NE



JOSÉ PROJECTO

TUREZA SEM M SENSORES

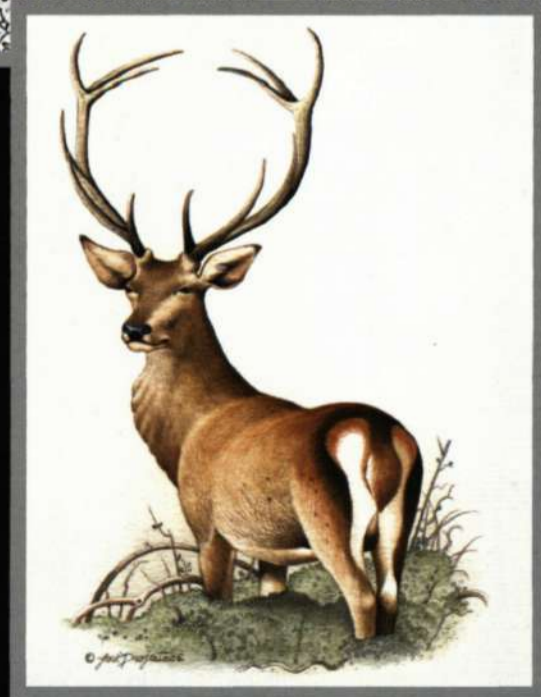
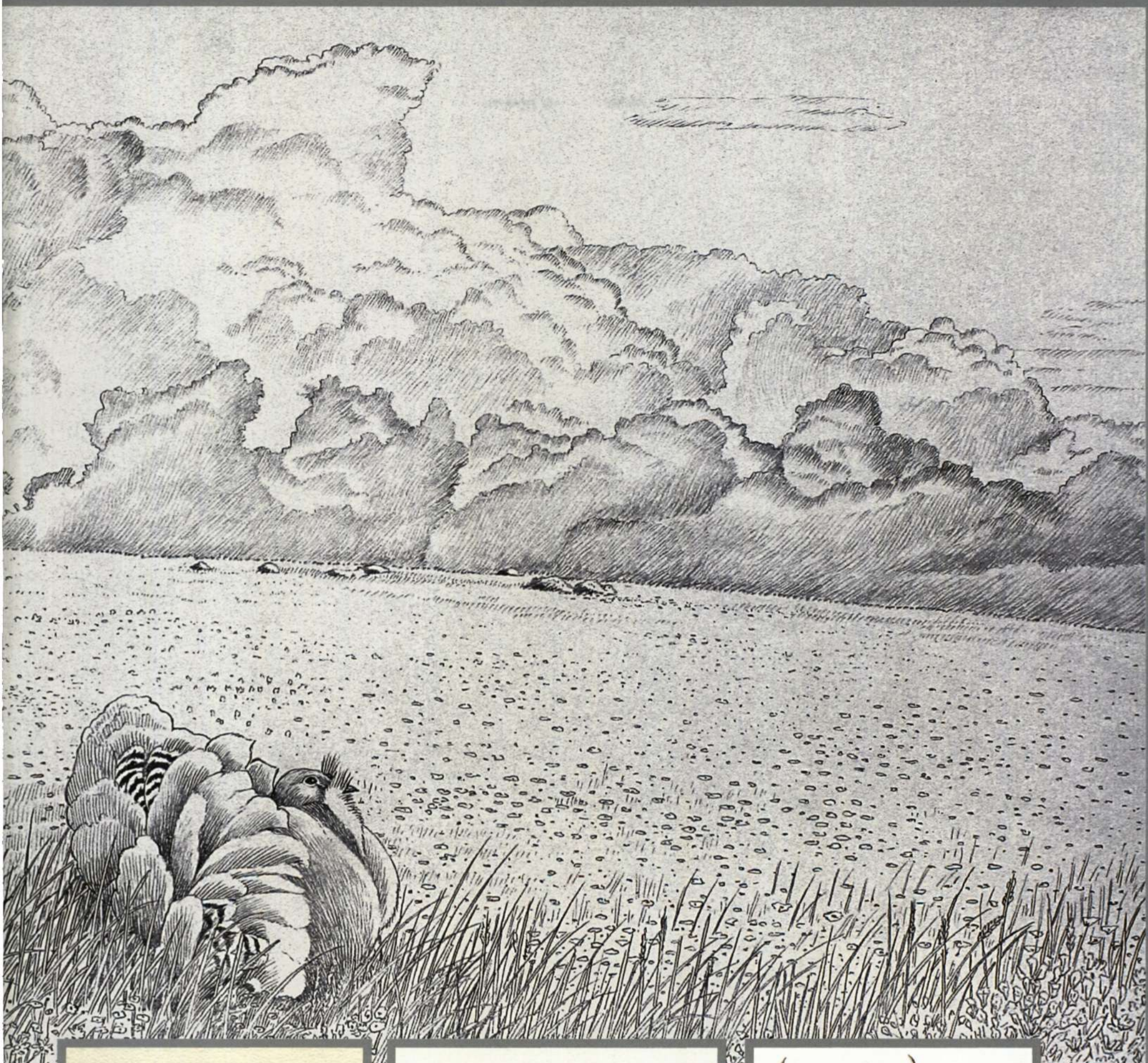


M Gorilas da montanha foi o tema do primeiro trabalho de José Projecto elaborado propositadamente para a Tribuna da Natureza. Da arte criada por este incontornável ilustrador da Natureza em Portugal beneficiamos desde a primeira hora já que o primeiro contributo – um expressivo desenho a preto-e-branco – foi publicado no número 1 da revista no já longínquo Inverno do ano 2000. A sua participação neste fim de ciclo da Tribuna da Natureza era pois obrigatória. A mais-valia da sua presença fica mais uma vez evidenciada pelo conjunto de estudos, aguarelas e outras ilustrações escolhidas para este 32º número.

E para que o leitor possa apreciar a já vasta obra de José Projecto sugerimos uma visita a:

<http://joseprojecto.naturlink.pt/index.html>

http://www.natureartists.com/jose_projecto.asp



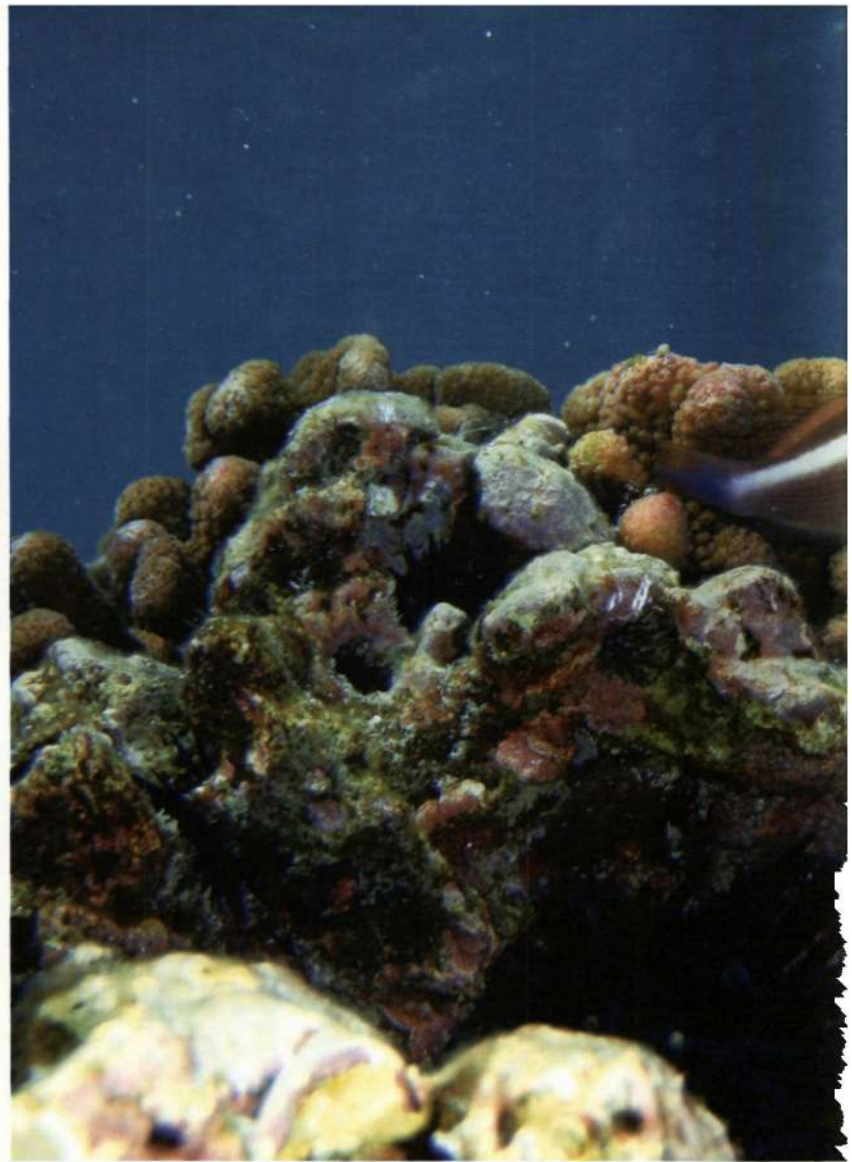


TERRA
VULCÃO
FLORE



PAULO SANTOS

DE CORAIS,
ES E
STAS TROPICAIS



Terra de contrastes, o Hawaii tem sido um laboratório vivo onde se estudam processos de expansão de espécies exóticas invasoras, fruto de opções antigas desconhecedoras da ciência ecológica, da incúria de muitos que aí depositaram plantas e animais estranhos, ou mesmo de motivações meramente estéticas, aí tentando reproduzir ambientes de outros locais. Mais recentemente, estudos de recuperação dos sistemas têm sido levados a cabo e algumas medidas estão mesmo em prática, mas este complexo sistema insular está radicalmente transformado, à semelhança do que se passa nas ilhas macaronésicas portuguesas, os Açores e a Madeira.

Passado este preâmbulo é importante assinalar que, apesar destes problemas, no Hawaii podemos encontrar uma biodiversidade assinalável, com uma grande variedade de ecossistemas, passando das imponentes montanhas vulcânicas, pelas impressionantes florestas tropicais, pelos lindíssimos recifes de coral e por um conjunto de zonas de transição entre estes sistemas.

Um passeio por uma única ilha, de preferência das menos turísticas, proporciona paisagens de tal forma marcantes que, para o visitante de olhos abertos, não são fáceis de esquecer. Para quem vai à procura de mais alguma coisa que as praias de água mais que agradável.

As manifestações de vulcanismo estão presentes, com massivos cones de tons escuros, muitas vezes envoltos em nuvens. As escoadas de lava, tão recentes que parecem ser de ontem, sem qualquer planta, apresentam aspecto lunar, com uma beleza estranha. Em algumas áreas é mesmo possível observar escoadas em curso, obviamente a distância segura, e com reflexos avermelhados que sobressaem melhor quando chega a escuridão tropical. Em muitas zonas, antigas estradas cortadas, pequenos cones vulcânicos e escoadas em vários estados de colonização, com admiráveis plantas que enraizam na negra rocha vítrea.

No pólo oposto, vamos às praias de água límpida, de um azul mesmo azul, e mergulhamos apenas com máscara e tubo, numa nuvem multicolor de pequenos e grandes peixes. Anémonas e ouriços, corais de formas exóticas e, a cereja em cima do bolo, tartarugas a nadar ao nosso lado, roendo calmamente as algas que cobrem a rocha. Sobem depois à praia onde dormem uma soneca descansada, que lá estão os vigilantes para chamar a atenção dos menos avisados.

Neste breve apontamento, falta mencionar a floresta tropical, com grandes e pequenas árvores cobertas das epifitas que normalmente encontramos à venda nos hortos. Curiosamente, é este o sistema mais ameaçado, com muitas plantas exóticas misturadas com as autóctones. Também a maioria das aves que se ouve ou vê são exóticas, tal como alguns mamíferos. A ave mais famosa é uma espécie de ganso, adaptada à ilha vulcânica, tão rara que nas zonas onde anda há obrigação de abrandar a velocidade dos carros, diminuindo a probabilidade de atropelamento. Lições a tirar para a nossa paróquia.



